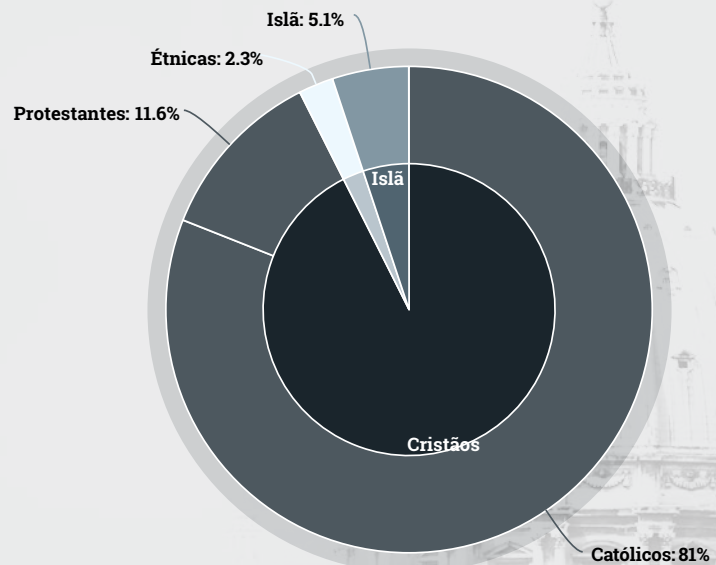
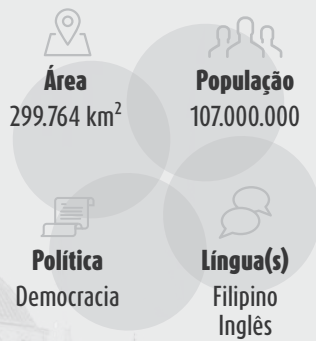


Filipinas



INTRODUÇÃO: UM PAÍS ESMAGADORAMENTE CATÓLICO

De acordo com o recenseamento de 2010, o mais recente disponível (foi realizado um recenseamento em 2015, mas os resultados ainda não foram publicados), a maior parte da população das Filipinas é cristã (mais de 90%, incluindo todas as denominações) e a maioria católica.

Nos últimos anos, várias pessoas abandonaram a Igreja Católica e aderiram a denominações protestantes, mas é muito difícil obter estatísticas fiáveis em relação a este fenómeno. De qualquer forma, a Igreja Católica ainda é uma presença forte em relação à composição religiosa, social e política do país.

Outras comunidades cristãs originárias das Filipinas, como a Iglesia ni Cristo (Igreja de Cristo) e a Igreja Filipina Independente, também são visíveis na esfera religiosa. A sua importância cresce na altura das eleições, porque elas prometem que os seus seguidores vão votar “como uma pessoa”.^[1]

A comunidade muçulmana, conhecida como “Moros”, é etnicamente diversificada, mas a maioria vive nas ilhas do sul, nomeadamente em Mindanau. A maior parte são

muçulmanos sunitas, com algumas comunidades xiitas nas províncias de Lanao del Sur e Zamboanga del Sur em Mindanau. A pobreza entre os muçulmanos é o dobro da média nacional, e há uma migração visível de muçulmanos para as grandes aglomerações urbanas, nomeadamente para as regiões de Manila e Cebu. De acordo com alguns estudos, a dimensão da população muçulmana tem sido subestimada e o número preciso não são 5%, mas sim próximo dos 10%.^[2]

O país tem elevados níveis de emigração. Calcula-se que quase 10% dos Filipinos, ou cerca de 10 milhões de pessoas, tenham escolhido deslocar-se para o estrangeiro para procurar trabalho. Com quase um quarto da população vivendo abaixo do limiar da pobreza, a emigração mantém-se como uma forma popular de escapar à pobreza ou ao desemprego. A emigração em massa para quase todos os países do mundo (para trabalhar como pessoal doméstico, marinheiros, na construção civil e também em trabalhos mais qualificados) tem tido graves consequências sociais para as famílias, que ficaram separadas.^[3] Em 2014, os emigrantes filipinos enviaram quase 24 bilhões de euros para o país, o correspondente a 8,5% do PIB.

[2] <http://www.ncmf.gov.ph/>

[3] *Eglises d'Asie*, 1 de Outubro de 2008: «Le président de la Conférence épiscopale reproche au gouvernement de négliger le coût social et humain de l'émigration des Philippines» (<http://eglise.mepasie.org/asia-du-sud-est/philippines/2008-10-01-le-president-de-la-conference-episcopale-reproche>).

[1] *Reuters*, 28 de Agosto de 2015: «Thousands protest in Philippines over religious freedom» (<http://uk.reuters.com/article/uk-philippines-protest-idUKKCN0QX24D20150828>).

DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

Desde 1899, quando as Filipinas se tornaram a primeira república democrática na Ásia, a liberdade religiosa tem sido sempre defendida como um pilar das várias Constituições que o país tem tido. Isto foi verdade também quando o país esteve em guerra ou sob uma ditadura. A atual Constituição de 1987 não é exceção e a liberdade religiosa está consagrada no artigo 3 (seção 5): “Nenhuma lei será feita em relação ao estabelecimento de uma religião ou à proibição do seu exercício. O exercício livre e o gozo da profissão e do culto religioso, sem discriminação ou preferência, será permitido para sempre. Nenhum teste religioso será necessário para exercer direitos civis ou políticos.”^[4]

Além disso, o país não tem religião estatal, mesmo que a Igreja Católica tenha um lugar reconhecido na vida política nacional, e a Constituição se baseie no princípio da separação entre a Igreja e o Estado. O Código Penal sanciona gravemente qualquer ataque intencional contra os locais de culto ou edifícios de carácter religioso, e esses ataques são punidos da mesma forma que os crimes de guerra ou os crimes contra a humanidade.

Não foram reportados casos de violação da liberdade religiosa por parte do Estado durante o período em análise. Contudo, embora os líderes políticos e religiosos estejam unidos na afirmação de que as relações entre grupos religiosos são em geral pacíficas, persistem vários pontos de tensão.

No que diz respeito às relações entre a Igreja Católica e o Estado, além do sucesso da visita do Papa Francisco ao país em janeiro de 2016, vale a pena mencionar dois fatos.

Em primeiro lugar, sob a presidência de Benigno Aquino (2010-2016), a Igreja, nomeadamente os bispos católicos, expressou vigorosamente a sua oposição à proposta da Lei de Saúde Reprodutiva, mas em vão. Finalmente adotada depois de dezessete anos de debate no Congresso e validada em abril de 2014 pelo Supremo Tribunal, a Lei de Saúde Reprodutiva prevê a contracepção livre (preservativos, pílula contraceptiva) para os mais pobres e a educação sexual nas escolas. A lei também torna obrigatória a formação de assistentes sociais em planejamento familiar. Apesar disso, em janeiro de 2016, atuando com base nas suas convicções católicas, os deputados conseguiram cortar o orçamento proposto para o financiamento da Lei de Saúde Reprodutiva em um bilhão de pesos (18.945.517 €), em relação aos 3,3 bilhões de pesos planejados inicialmente. Monsenhor Ramon Arguelles, presidente da comissão de assuntos públicos da Conferência Episcopal Católica das Filipinas, declarou na

altura: “Espero que estes bilhões de pesos sejam agora gastos na construção de escolas, em educação moral e formação dos jovens mais eficaz e em mais oportunidades de emprego para os adultos.”^[5]

Em segundo lugar, após as eleições de 9 de maio de 2016, em que Rodrigo Duterte, o antigo presidente da câmara de Davao, foi eleito presidente da República, espera-se que as relações entre a Igreja Católica e o Estado sejam turbulentas.^[6] Com 71 anos de idade e vinte e dois de serviço como presidente da câmara de Davao, a principal cidade do sul das Filipinas, Duterte conseguiu conquistar o eleitorado filipino com a sua linguagem franca e com propostas para livrar o país do crime e da pobreza. Ao fazê-lo, durante o decorrer da campanha eleitoral, foi fortemente criticado por vários preladados seniores. O Arcebispo Antonio Ledesma de Cagayan de Oro, a principal cidade da ilha de Mindanau, denunciou a morte de mais de 1.400 pessoas (incluindo 132 crianças de rua). Foram mortas a tiro em Davao por militantes que Duterte admitiu estarem agindo sob o seu controle.

Sacerdotes, religiosos e organizações católicas de leigos avistaram os fiéis católicos para que não votassem em Duterte. Em resposta a isso, durante um dos seus encontros eleitorais, Duterte afirmou: “Que esta eleição seja uma espécie de referendo, uma espécie de plebiscito para a Igreja e para mim. Eles dizem que será um pecado votar em mim. Ainda bem. Se eu perder, não vou morrer. Vocês devem ouvir os bispos para não votar em mim. É isso. De qualquer forma, não acredito nos bispos”, acrescentou.^[7]

Em relação a vários assuntos cruciais da vida do país, Rodrigo Duterte não escondeu o fato do seu programa entrar em confronto com as posições defendidas pela Igreja. Ele prometeu aplicar a lei da Saúde Reprodutiva a nível nacional, tal como já o tinha feito na cidade de Davao. E também se declarou a favor da legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, conhecendo bem a oposição da Igreja sobre este assunto,^[8] num país onde nem o aborto nem o divórcio foram legalizados. “Serei eleito pelas pessoas e não pela Igreja. Vou aplicar as leis que não têm nada a ver com a ideologia católica”, alegou durante a campanha eleitoral. Ao mesmo tempo, apresentou-se como candidato contra o sistema num país onde algumas famílias poderosas dominaram a vida política e económica durante décadas, se não mesmo durante séculos.

[5] *Eglises d'Asie*, 18 de Janeiro de 2016: «La loi sur la contraception continue de diviser» (<http://eglisie.mepasie.org/asia-du-sud-est/philippines/2016-01-18-la-loi-sur-la-contraception-continue-de-diviser>).

[6] *Catholic Herald*, AP, 23 de Maio de 2016: «Philippine president-elect attacks Catholic Church and bishops» (<http://www.catholicherald.co.uk/news/2016/05/23/philippine-president-elect-attacks-catholic-church-and-bishops/>).

[7] *Christian Today*, 10 de Maio de 2016: «Rodrigo Duterte, Catholic Church foe, on his way to winning Philippine presidency» (<http://www.christiantoday.com/article/rodrigo-duterte.catholic.church.foe.on.his.way.to.winning.philippine.presidency/85702.htm>).

[8] *Eglises d'Asie*, 1 de Setembro de 2015: «Appel de l'épiscopat catholique à s'engager contre le mariage homosexuel» (<http://eglisie.mepasie.org/asia-du-sud-est/philippines/2015-09-01-appel-de-l2019episcopat-catholique-a-s2019engager-contre-le-mariage-homosexuel>).

[4] *Official Gazette*: «The Constitution of the Republic of the Philippines» (<http://www.gov.ph/constitutions/1987-constitution>).

INCIDENTES

Houve desenvolvimentos preocupantes nas relações entre o Governo e a comunidade muçulmana sobre as exigências desta de autonomia para a região de Mindanau.

Após dezessete anos de negociações, o processo de paz estagnou, em especial depois do massacre de 25 de janeiro de 2015 de quarenta e quatro membros de uma força policial de elite, numa emboscada próximo do município de Mamasapano, na província de Maguindanau.^[9] Uma vez que as mortes ocorreram num território tecnicamente controlado pela Frente Moro de Libertação Islâmica (MILF na sigla inglesa), uma das duas principais alas do movimento rebelde muçulmano em Mindanau, as negociações fracassaram no estabelecimento de uma nova província, chamada Bangsamoro. A consequência deste impasse foram que o acordo de paz assinado entre Manila e a MILF em 27 de março de 2014, sob o título Lei Básica de Bangsamoro, se tornou letra morta.^[10] Depois disto, a campanha eleitoral fez parar todo o processo e por isso dependerá da nova administração retomar as negociações.

Entretanto, a região continua a definhando, num estado de subdesenvolvimento crônico, que por si só é um fator de violência recorrente. Os islamitas jihadistas do Abu Sayyaf, provavelmente mais uma operação de banditismo em larga escala do que um movimento religioso, alegam agora adesão ao grupo autodenominado Estado Islâmico (EI) e continuam a sua política de sequestros em troca de resgate. Em 25 de abril de 2016, John Ridsdel, um canadiano detido pelo Abu Sayyaf desde 21 de setembro de 2015, foi decapitado. Entretanto, outro canadiano, um norueguês e um filipino, também sequestrados pelo Abu Sayyaf no mesmo dia, ainda estão detidos como reféns. Em novembro de 2015, os militantes exigiram um resgate de 60 milhões de dólares em troca da libertação dos reféns. O Abu Sayyaf não se limita a raptar ocidentais. Em 26 de março de 2016, o grupo alegou ter sequestrado seis marinheiros indonésios. Foram libertados em 1 de maio de 2016.

No sul das Filipinas, há violência endêmica periódica de relevância específica para a liberdade religiosa. Em 8 de outubro de 2014, houve um ataque à granada a uma igreja da Igreja Unida de Cristo nas Filipinas,^[11] na vila de Pikit, província de

Cotabato em Mindanau. O ataque matou duas pessoas e feriu três, mas ninguém reivindicou a responsabilidade. O Reverendo Jerry Sanchez, pastor da comunidade atacada, falou à rádio local, dizendo que “não fazia ideia das razões” por trás do ataque. Disse: “Condenamos esta ação.” Disse que a sua comunidade estava ativamente envolvida no trabalho de promoção da paz na região.^[12] Pikit fica no coração de Mindanau e pertence à província do Cotabato Norte, muito perto da província de Maguindanau. Ambas as províncias foram palco de intensa atividade por parte de rebeldes muçulmanos. Em 2003, a MILF tinha um grande campo de treino muito perto de Pikit e a sua presença tinha estado na origem de intensos combates entre os rebeldes e o exército filipino, que tinham ficado conhecidos para a história como a “Guerra de Pikit War” de 2003. A situação nunca chegou verdadeiramente a estabilizar.

Houve também inúmeros casos de ações criminosas levadas a cabo com impunidade, que continuaram criando problemas graves para as comunidades locais de Mindanau. Os Lumads, um termo para definir as comunidades autóctones animistas da ilha, queixam-se regularmente que são atacados. Assim, em 1 de setembro de 2015, dois líderes autóctones manobo, Dionel Campos e Aurelio Sinzo, da aldeia de Han-Ayan, em Lianga, na parte oriental de Mindanau, foram mortos, tal como foi também morto Emerito Samarca, o diretor da escola de aprendizes dos Lumads. Como consequência, quase 3 mil membros da comunidade fugiram da aldeia e refugiaram-se em Tandag, a capital da província de Surigao del Sur. Em 28 de setembro de 2015, em San Luis, no centro-leste de Mindanau, outro líder autóctone foi morto por três homens armados em motocicletas. Uma vez mais, durante o fim de semana de 3 e 4 de outubro de 2015, quase mil Lumads fugiram da aldeia de Marihatag, na província de Surigao del Sur. De acordo com o Bispo católico Nereo Odchimar de Tandag, foram os grupos de paramilitares criados pelas Forças Armadas Filipinas que foram responsáveis por aquelas mortes. Segundo o bispo, as operações de exploração mineira de empresas multinacionais em terras ancestrais dos Lumads são “uma das causas” dos ataques à população autóctone. De fato, estes grupos paramilitares são regularmente acusados por trabalharem para defender os interesses das empresas mineiras e florestais. “Eles querem que os Lumads abandonem as suas terras, porque elas são ricas em recursos naturais e minerais”, explicou o Bispo Odchimar.^[13]

[9] *Maryknoll Office for Global Concerns*, Março-Abril de 2015: «Philippines: Mamasapano clash threatens peace» (<http://maryknollogc.org/article/philippines-mamasapano-clash-threatens-peace>).

[10] *Eglises d'Asie*, 21 de Dezembro de 2015: «La création d'une région musulmane semi-autonome repoussée sine die» (<http://eglisie.mepasie.org/asia-du-sud-est/philippines/2015-12-21-la-creation-d2019une-region-musulmane-semi-autonome-repousse-sine-die>).

[11] Nascida em 1948 da fusão de várias denominações protestantes – a Igreja Evangélica das Filipinas, a Igreja Metodista da Filipinas, os Discípulos de Cristo, a Igreja Evangélica Unida e várias outras denominações protestantes – a Igreja Unida de Cristo nas Filipinas tem hoje em dia 1,5 milhões de seguidores. Presente sobretudo em Luzon, está igualmente bem representada em Visayas e no sul das Filipinas. Conhecida pelo seu compromisso social e pelos seus apelos à paz e ao diálogo, tem sido alvo frequente do

Exército, no contexto da luta armada contra o Partido Comunista, com o qual a Igreja Protestante foi frequentemente identificada devido às suas posições políticas. Tem também a honra dolorosa de contar entre as suas fileiras com inúmeros desaparecidos e vítimas de tortura. Entre 2001 e 2010, a era do longo mandato presidencial de Gloria Macapagal-Arroyo, 25 dos seus membros, tanto pastores como leigos, foram assassinados, e em 2011 Monsenhor Marigza registrou uma queixa formal, coletivamente e em nome de todas as vítimas, contra a antiga presidente por violações dos direitos humanos.

[12] *Eglises d'Asie*, 9 de Outubro de 2014: «Mindanao: un attentat dans une église fait deux morts» (<http://eglisie.mepasie.org/asia-du-sud-est/philippines/2014-10-09-mindanao-un-attentat-dans-une-eglise-fait-deux-morts>).

[13] *Eglises d'Asie*, 7 de Outubro de 2015: «Assassinats d'autochtones à Mindanao: de jeunes Lumads en appellent au pape et à la Conférence épiscopale» (<http://eglisie.mepasie.org/asia-du-sud-est/philippines/2015-10-07-assassinats-d2019autochtones-a-mindanao-de-jeunes-lumads-en-appellent-au-pape-et-a-la-conference-episcopale>).

Desde 1997, quando o Parlamento aprovou a Lei dos Direitos dos Povos Indígenas, que o direito dos Lumads às suas terras ancestrais foi reconhecido. Mas, apesar disso, as empresas multinacionais usam várias formas de pagamentos “por baixo da mesa” para alcançarem os seus objetivos. “Para uma empresa mineira ou uma empresa florestal estabelecer as suas operações, tem que obter licenças oficiais. Estas empresas multinacionais, que têm enormes recursos financeiros ao seu dispor, oferecem subornos não apenas aos responsáveis locais, mas também aos membros das comunidades indígenas e até mesmo aos chefes tribais”, explica Oona Thommes Paredes, uma antropóloga da Universidade Nacional de Singapura.

Em relação à questão da impunidade, um caso particular que tem tido continuidade ao longo dos anos serve para ilustrar as dificuldades enfrentadas por algumas comunidades nas Filipinas. Em 3 de outubro de 2015, várias dezenas de camponeses e membros da Igreja Independente das Filipinas reuniram-se em Manila, como costumam fazer em 3 de outubro de cada ano desde há nove anos, para celebrar o assassinato em 2006 do Bispo Alberto Ramento de Tarlac, antigo Bispo Maior da Igreja.

Em 3 de outubro de 2006, de manhã, o corpo sem vida do Bispo Ramento, de 69 anos, foi encontrado no presbitério da sua paróquia de San Sebastian em Tarlac, uma vila a 100 km a noroeste de Manila. O relatório policial concluiu que a vítima tinha sido morta ao ser esfaqueada sete vezes. A arma do crime, uma grande faca de cozinha, foi encontrada na paróquia. A polícia decidiu que o motivo do assassinio tinha sido um roubo, pois a carteira do bispo foi encontrada vazia. Mas os que eram próximos do bispo, os líderes da sua Igreja, e defensores dos direitos dos camponeses, nunca aceitaram estas conclusões, acreditando pelo contrário que ele foi vítima de uma “execução extrajudicial” motivada pelo seu compromisso para com os mais pobres e em particular para com os camponeses sem terra. De acordo com o serviço noticioso Anglican Communion: “O relatório inicial dizia que ele poderia ter sido morto por ladrões, mas outros suspeitam que Ramento, que era abertamente crítico do Governo filipino, poderá ter sido vítima de um assassinato político, relatou o Manila Times.”^[14]

Os responsáveis pela morte do Bispo Ramento nunca foram levados a tribunal. Nunca foram sequer identificados. A polícia prendeu rapidamente três suspeitos depois da morte, concluindo que foi um “simples roubo e homicídio”, mas durante o julgamento a polícia não testemunhou e por isso o tribunal foi obrigado a dispensar os três acusados. Nove anos mais tarde, as organizações de direitos humanos permanecem céticas sobre o inquérito policial. De acordo com elas, tanto as investigações policiais como o caso da acusação foram “viciados”, porque o assassinato do bispo, à semelhança dos assassinatos em março de 2005 de um vereador

municipal, Abelardo Ladera, e de um sacerdote da Igreja Aglipayana, o Reverendo William Tadena – ambos também próximos dos trabalhadores agrícolas em greve na altura na Hacienda Luisita – fizeram parte do mesmo desejo de “abafar sistematicamente” estes casos. Segundo a polícia, estes casos estão agora “concluídos”.^[15]

PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

As mortes extrajudiciais estão aumentando nas Filipinas. Entretanto, a chegada ao poder do presidente Rodrigo Duterte apenas pode ser causa de mais preocupação para os observadores. Uma parte da sua agenda económica com oito pontos envolve a “implementação vigorosa” da Lei de Saúde Reprodutiva e espera-se que o seu Governo entre em confronto com a Igreja Católica sobre a reposição da pena de morte e a legalização do divórcio. As implicações para a liberdade religiosa são preocupantes, em particular se as instituições religiosas forem pressionadas a disponibilizar serviços que entrem em conflito com os seus valores morais.

longo mandato presidencial de Gloria Macapagal-Arroyo, 25 dos seus membros, tanto pastores como leigos, foram assassinados, e em 2011 Monsenhor Marigza registrou uma queixa formal, coletivamente e em nome de todas as vítimas, contra a antiga presidente por violações dos direitos humanos.

[14] *Anglican Communion News Service*, 4 de Outubro de 2006: «Filipino bishop Alberto Ramento found stabbed to death» (<http://www.anglicannews.org/news/2006/10/filipino-bishop-alberto-ramento-found-stabbed-to-death.aspx>).

[15] *Eglises d'Asie*, 6 de Outubro de 2014: «La mort de Mgr Alberto Ramento, assassiné il y a huit ans, reste non élucidée» (<http://eglasie.mepasie.org/asia-du-sud-est/philippines/2014-10-06-la-mort-de-mgr-alberto-ramento-assassine-il-y-a-huit-ans-reste-non-elucidee>).

